

O CAFÉ-CLONAL COMO FORMA DE RESISTÊNCIA DOS CAMPONESES DA COMUNIDADE SANT'ANA DO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE DOS PARECIS - RO

*Clonal coffee as a form of resistance by peasants of the sant'ana
community in the municipality of Alto Alegre dos Parecis - RO*

João Lucas Pena Souza

Universidade Federal de Rondônia

Tatiane Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

A produção do café no estado de Rondônia destacou-se nos primeiros anos do projeto de colonização das décadas 1970 e 1980, os agricultores oriundos do Sul e Sudeste foram responsáveis no cultivo da planta que se encontra consolidada na microrregião de Cacoal-RO. Objetiva-se neste artigo discutir a produção de café-clonal na comunidade Sant'Ana do município de Alto Alegre dos Parecis - RO. Para a consecução da pesquisa foi realizada a revisão bibliográfica acerca da temática central de investigação, a coleta e sistematização da pesquisa de campo e análise de dados em fontes secundárias. Constata-se, que embora os entrevistados produzam para atender a lógica do mercado, o café-clonal e suas práticas familiares contribuem para sua resistência e permanência na terra, nota-se que suas dificuldades estão pautadas pela ausência de políticas públicas que possam atender suas demandas locais.

Palavras-chaves: Camponês; Comunidade Sant'Ana; Produção de Excedente.

ABSTRACT

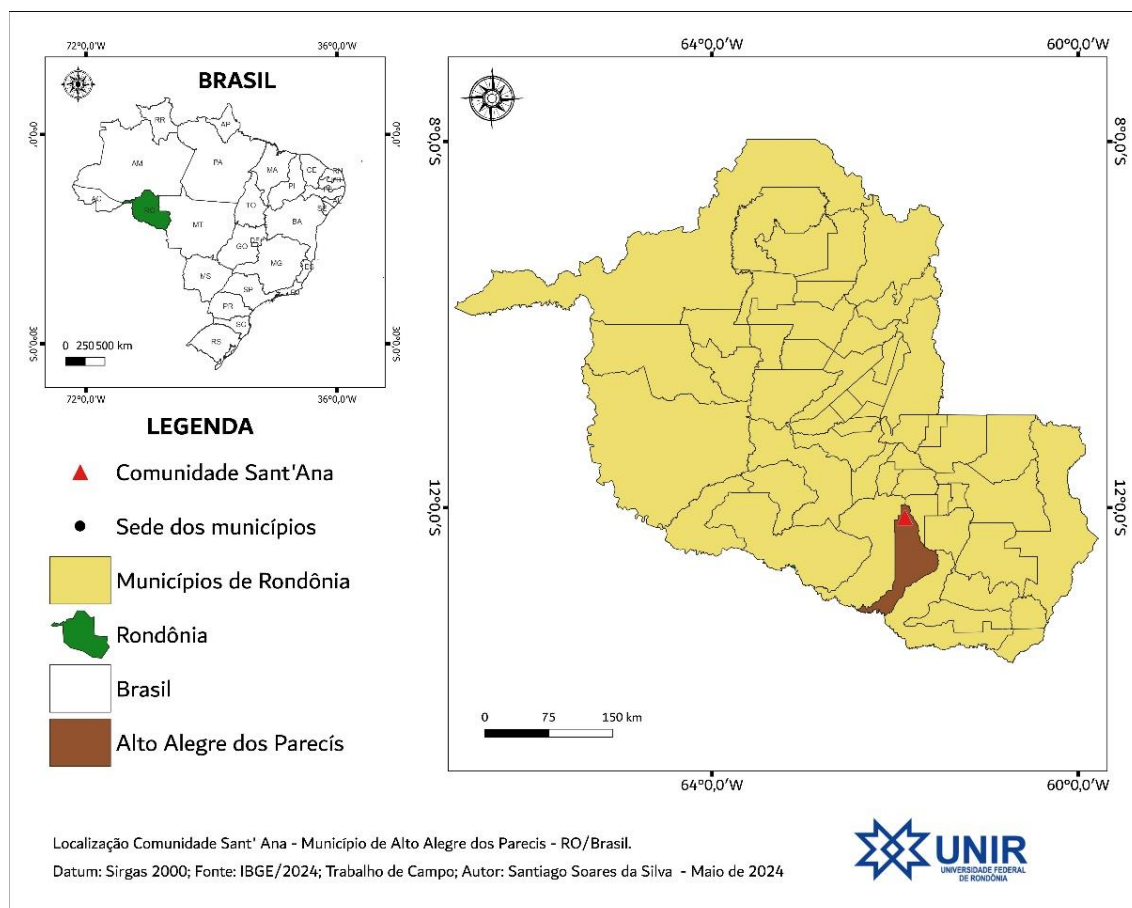
Coffee production in the state of Rondônia stood out in the first years of the colonization project of the 1970s and 1980s, farmers from the South and Southeast were responsible for cultivating the plant, which is consolidated in the Cacoal-RO microregion. The objective of this article is to discuss the production of clonal coffee in the Sant'Ana community in the municipality of Alto Alegre dos Parecis - RO. To carry out the research, a bibliographical review was carried out on the central research theme, the collection and systematization of field research and data analysis in secondary sources. It appears that although the interviewees produce to meet the logic of the market, clonal coffee and its family practices contribute to their resistance and permanence on the land, it is noted that their difficulties are guided by the absence of public policies that can meet their needs. local demands.

Keywords: Farmer; Sant'Ana Community; Surplus Production.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo foi analisar a produção de café-clonal na comunidade Sant'Ana, em Alto Alegre dos Parecis (RO), investigando as relações dos camponeses com a terra e as estratégias que garantem sua reprodução social. Para tanto, foram identificadas as atividades agrícolas e não agrícolas, atividades que permitem a permanência dessas famílias na referida comunidade (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização da comunidade Sant'Ana-Alto Alegre dos Parecis-RO



Fonte: IBGE, 2024. Organizador: Silva, S. S. da. 2023.

A base metodológica esteve pautada em revisões bibliográficas com o objetivo de levantar conceitos e embasamento teórico a respeito do campesinato, a questão agrária, as atividades agrícolas no estado de Rondônia e em Alto Alegre dos Parecis - RO. As entrevistas semiestruturadas, permitiram analisar os ciclos produtivos familiares, a destinação da produção (autoconsumo *versus* excedente comercial), e as perspectivas de permanência no campo.

Justifica-se a importância em entender o processo de ocupação das terras no território rondoniense, processo que obteve a grande investida estatal nas décadas de 1970 - 1990. E, com objetivo de compreender as relações estabelecidas pelo camponês e das formas as quais eles produzem.

O sociólogo Shanin (2005), descreve que esse conceito ultrapassa a temporalidade e regionalidade, pois suas características, que são únicas da classe camponesa, expressam-se independentemente de suas proximidades, são características singulares de relação com a terra, com o ciclo temporal de produção, e de relação com essa produção. Portanto, a definição de Camponês perpassa pela compreensão de sua classe.

Ao compreender que tais características são inerentes aos camponeses e estão intrinsecamente ligadas à sua produção, torna-se fundamental adotar a categoria analítica do excedente produtivo. Esse excedente é gerado de forma consciente pela classe camponesa, sua finalidade ultrapassa o autoconsumo, sendo apropriado e transformado em mercadoria pelo capital financeiro. É necessário compreender quais as diferenças entre a produção de excedente e a produção de mercadoria, e para tal a compreensão, torna-se necessário a abordagem dos estudos da renda da terra conforme, Oliveira (2007).

Ainda na discussão da produção de excedente, ressalva-se a contribuição de Silva (2014), ao compreender que quando um dos membros da família, retira-se dos trabalhos da propriedade para exercer funções em vínculo empregatício, deve-se compreender que essa atividade desempenhada se trata de um artifício de resistência encontradas por esses camponeses, ou seja, a produção de renda extra camponesa objetiva o acesso a novas mercadorias necessárias.

Considera-se ainda a importância em ressaltar que não cabe destacar nesta pesquisa o que esses sujeitos devem ou não fazer para resistirem no campo, por essa razão, destaca-se neste texto as práticas de resistência da comunidade em pesquisa. A relevância da investigação esteve pautada na importância em compreender quem é o sujeito social camponês da comunidade Sant'Ana, e de que forma esse sujeito é compreendido pelo Estado brasileiro na construção de políticas públicas que devem atender essa classe.

Prosseguindo, apresenta-se, a estrutura do texto, organizado em: a) ocupação do estado de Rondônia na década de 1970 – 1990 e surgimento da comunidade Sant'Ana; b) análise de dados dos camponeses da comunidade Sant'Ana município de Alto Alegre dos Parecis – RO.

A OCUPAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA NA DÉCADA DE 1970 – 1990 E O SURGIMENTO DA COMUNIDADE SANT'ANA

A década de 1980 foi marcada por esforços governamentais para promover a ocupação da Amazônia, pois para o Estado brasileiro tratava-se de resolver alguns problemas pontuais da economia, da política e da sociedade. Na década de 1970, houve uma significativa tecnificação da agricultura na região sul, com a adoção de técnicas agrícolas mais “avançadas”, como o uso de tratores, fertilizantes, pesticidas e sementes melhoradas. De acordo com Gomes (2019), esta mecanização intensificou o problema agrário vivido pelos sulistas, que já vinham se organizando em movimentos populares de reivindicação por terra, pois com a modernização da agricultura ampliou-se a concentração de terras e

reduziu a necessidade de mão de obra, dispensando os serviços de arrendatários e meeiros.

O nordeste brasileiro vivia situação parecida de reivindicação por terra, pois os grandes proprietários que antes da Segunda Guerra mundial dividiram suas terras em menores unidades de trabalho, devido ao baixo valor do açúcar, tomaram suas propriedades com a alta do açúcar nos anos 1940 destruindo outras culturas produzidas em suas terras para aumentar sua produção de cana-de-açúcar (Gomes, 2019).

Com a nova alta do açúcar, verificados a partir de 1940, os fazendeiros passaram a cultivar a cana-de-açúcar e a obrigar os foreiros, que não haviam sido expulsos antes da guerra, a destruírem outras culturas para plantarem a cana. Aqueles foreiros, trabalhadores rurais passaram a trabalhar no plantio da cana transformando-se em moradores de condição, sujeitos a dar um crescente número de dias de trabalho ao dono do canavial, sendo submetidos ao pagamento de salários extremamente baixos (Gomes, 2019, p.38).

Essas situações aumentam os índices de deslocamento de pessoas do campo para cidade intensificando o êxodo rural e a criação de várias periferias nas maiores cidades do país. Isso fez com que crescesse a pressão popular por direito ao acesso à terra, então a insatisfação dos nordestinos e dos sulistas, criaram um movimento nacional pela reforma agrária. Desta forma o governo militar se viu na necessidade de criar um plano contingencial, pois a pressão popular só aumentava, então a Amazônia brasileira tornou-se a melhor saída para o governo militar.

Para tal, o governo brasileiro implementou várias políticas de incentivo à colonização da Amazônia, inclusive no estado de Rondônia, entre as décadas de 1970 – 1990. Uma das políticas desse período foi o Programa de Integração Nacional (PIN) que a partir do Decreto-Lei nº 1243 de 30 de outubro de 1972, foi investido 800 milhões de cruzeiros (moeda vigente no período), para a construção de rodovias e vicinais.

Com a construção de estradas tornava-se possível o escoamento das produções do território e possibilita também a chegada de mercadorias até a região. A regularização fundiária ficava por responsabilidade do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, criado justamente para atender essa demanda do Estado. O INCRA, por sua vez, criou ferramentas como o PAD – Projeto de Assentamento Dirigido, PAR – Projeto de Assentamento Rápido, PIC – Projeto Integrado de Colonização, PA – Projeto de Assentamento (Amaral, 1994), sendo o PIC Ji-paraná o mais importante para nossa história, pois foi a partir do dele que foram ocupados os territórios da Zona da Mata do estado de Rondônia.

O plano do Estado brasileiro foi colocado em prática, tendo como retórica a resolução dos problemas dos colonos do Sul e dos trabalhadores rurais do semiárido brasileiro, ao estabelecer políticas de incentivos migratórios para a região amazônica, supostamente resolvendo o problema da crescente mão de obra excedente, devido aos acordos internacionais de modernização da agricultura e manutenção dos latifúndios, aumenta a presença do Estado em um espaço de disputas e conflitos por território,

que era uma das oratórias do governo brasileiro da época, e expande o avanço da fronteira agrícola para uma região de relações pré-capitalistas (Souza, 2011).

O discurso de Garrastazu Médici sintetizado no chavão “Terra sem homens para homens sem-terra” cumpria várias estratégias internas dos militares, desde: o domínio político, rearranjo do capital interno e ampliação forçada de mercado, garantia dos recursos naturais estratégicos e ainda o fortalecimento de suas alianças políticas (Souza, 2011, p.18).

Criava-se políticas de crédito a fim de motivar os investimentos, por parte do mercado. “Neste sentido, os militares estimularam tanto o grande empresariado com isenção de impostos e financiamento a fundo perdido, como os excluídos com a promessa de um pedaço de terra” (Souza, 2011, p.18). Neste contexto foi construído o estado de Rondônia, e essas heranças políticas, sociais e econômicas, perpetuam-se até os dias atuais.

Ao longo da ocupação do estado de Rondônia também houve classificações socioeconômicas, pois aqueles migrantes que conseguiram comprovar por meios econômicos, ao estado, que tinham condição de cultivar as terras, tendo isso como único critério, tiveram acesso aos programas de colonização do INCRA com maior facilidade e foram assentados no eixo da atual BR-364, seguindo assim a dinâmica da colonização do país.

Desta forma as pessoas mais empobrecidas ficaram com os locais mais distantes com maior dificuldade no escoamento de suas produções e acesso a mercadorias necessárias para sua reprodução. Sendo assim, obrigados a desbravar territórios, com pouca ou nenhuma presença do estado, criando periferias.

No final da década de 1980, com a ocupação do território por colonos oriundos de diversas partes do país; Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, São Paulo e outros estados. Famílias migraram para o território de Alto Alegre dos Parecis, com o único objetivo do acesso à terra.

Nesse momento foram se formando pequenas comunidades camponesas, famílias numerosas acessaram um lote de terra e trabalhavam de maneira coletiva, em alguns casos as famílias separam suas roças, mas o trabalho era comunitário, em outros a produção também era coletiva. E quando chegava o período da colheita as famílias se ajudavam trocando diárias, como demonstrado na foto 1.

Foto 1- Troca de diárias na roça de arroz de um camponês da comunidade Sant'Ana



Fonte: SOUZA, J. L. P, 2023.

Neste contexto forma-se a comunidade Santa Ana da linha P- 38 em Alto Alegre dos Parecis, quando ainda tratava-se de um distrito do município Alta floresta d'Oeste - RO, sendo emancipado em junho de 1994.

Segundo os relatos dos entrevistados, no ano de 1985 foi fundada a comunidade religiosa Santa Ana, que está localizada na linha P-38 em Alto Alegre dos Parecis - RO, no mesmo ano foi fundada a Escola Teófilo Ottoni, segundo depoimentos de membros da comunidade e registros de matrículas, encontrados na Secretaria Municipal de Educação de Alto Alegre dos Parecis, são momentos importantes para compreender o surgimento da comunidade, pois só então que os sujeitos da comunidade passaram a construir uma identidade coletiva, formando os times de futebol, os grupos de reflexão entre outras formas de interação comunitária. A escola Teófilo Ottoni, registrou mais de 90 matrículas no ano de 1991.

Essas dimensões das vidas desses sujeitos, possibilitaram uma outra relação que é o trabalho, pois a partir dessas relações anteriormente citadas, os camponeses da comunidade passaram a trocar dias de trabalho, dar em arrendando parte de suas terras ou tomando em arrendamento uma fração da terra de outro membro da comunidade.

Na comunidade há o espaço da festa, do jogo, da religiosidade, do esporte, da organização, da solução dos conflitos, das expressões culturais, das datas significativas, do aprendizado comum, da troca de experiências, da expressão da diversidade, da política e da gestão do poder, da celebração da vida (aniversários) e da convivência com a morte (ritualidade dos funerais). Tudo adquire significado e todos têm importância na comunidade camponesa. Nas comunidades camponesas as individualidades têm espaço. As que contrastam com o senso comum encontram meios de influir. Os discretos são notados. Não há anonimato na comunidade camponesa. Todos

se conhecem. As relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês. Nisto se distingue profundamente das culturas urbanas e suas mais variadas formas de expressão (GORGEN, 2009 apud COSTA. CARVALHO, 2012, p. 117).

Nesta dinâmica a comunidade Sant’Ana é formada de maneira convencional, transcendendo a comunidade religiosa Santa Ana, pois membros que fazem parte de algumas dessas dimensões, compõem a comunidade Sant’Ana. Nesse processo de criação de vínculos, de produção agrícola, de sociabilidade, a comunidade se forma ao longo dos anos e se estabelece no território.

ANÁLISE DE DADOS DOS CAMPONESES DA COMUNIDADE SANT’ANA MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE DOS PARECIS – RO

Descreve-se no quadro 1 o perfil dos entrevistados e, para assegurar suas identidades e descrever as entrevistas, foi utilizado o alfabeto A-I. Vale destacar que a Comunidade Sant’Ana do município de Alto Alegre - RO, possui cerca de 30 famílias, no entanto, optou-se em realizar a amostragem de 10 famílias, tomando como princípio o tempo de pertencimento na comunidade Sant’Ana.

Quadro 1 - Perfil dos moradores da Comunidade Sant’Ana do município de Alto Alegre- RO

Entrevistado	Idade	Município de origem	Números de moradores/famílias	Tempo de moradia na propriedade
A	48 anos	Marechal Cândido Rondon - PR	2	30 anos
B	58	Mantena - MG	2	30 anos
C	57	Itaguaçu - ES	3	30 anos
D	42	Itaguaçu - ES	5	30 anos
E	63	Laranja da Terra - ES	3	31 anos
F	Não informou	<u>Sobreiro-ES</u>	3	30 anos
G	41	Laranja da Terra - ES	6	30 anos
H	57	<u>Sobreiro-ES</u>	2	30 anos
I	43	Rolim de Moura-RO	3	31 anos
J	46	<u>Sobreiro-ES</u>	5	30 anos

Fonte: Trabalho de campo, 2023. Organizador: SOUZA, J. L. P, 2023.

Nota-se no quadro 1 que os participantes possuem idades variadas, os mais jovens (41-47) são filhos dos primeiros proprietários que subdividiram suas terras com os filhos. Os moradores são oriundos de diversos estados, em maioria do Espírito Santo, residem na propriedade em média de 30 anos, resultado dos fluxos migratórios do Centro-Sul do país, viabilizado pelos ideais desenvolvimentistas no âmbito dos projetos integrados de colonização pelo INCRA, atraindo migrantes para o campo e cidade do estado de Rondônia (Colferai, 2010).

A respectiva comunidade é composta por vários núcleos familiares, e suas propriedades foram adquiridas pela compra entre os anos das décadas 1980-1990, segundo o entrevistado E, a compra só foi possível devido ao baixo custo da época, o morador ressalta que conseguiu poupar seu salário do período em que esteve como empregado no estado do Espírito Santo.

Tabela 1 - Dados sobre a propriedade da Comunidade Sant'Ana do município de Alto Alegre- RO

HECTARES	ENTREVISTADOS									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Área total da propriedade (ha)	4,84	3,25	5,08	1,21	29,04	3,35	6,05	3,29	2,92	2,92
Área de produção familiar (ha)	4,84	3,25	5,08	6,05	22,99	2,42	6,05	3,29	2,42	2,42
Área tomada em arrendamento (ha)	1,21			4,84						
Área arrendada a terceiros (ha)					6,05					
Área destinada a produção de café (ha)	1,21	2,42	1,43	4,84	4,84	2,42	1,21	1,80	2,42	1,21

Fonte: Trabalho de campo, 2023. Organizador: Souza, J. L. P, 2023.

O café clonal não é produzido na comunidade Sant'Ana, pelo simples desejo de cultivar a terra, essa seria uma interpretação romantizada em referência das práticas dos camponeses. O camponês produz o café clonal pelo fato deste produto ter se tornado uma mercadoria mais rentável e estável aos longos dos anos na região. Logo, existe uma relação de interesse por parte desses camponeses, que é a transformação deste excedente em renda, comprovando o que foi proposto por Ariovaldo

Umbelino de Oliveira 2007, a luz de Marx, quando propõe o modo de extração da renda da terra, feita pelas comunidades camponesas.

A produção de renda da terra é necessária para manutenção do modo de vida camponesa, (Silva 2014), pois é da terra que as famílias da comunidade Sant'Ana, tiram seu sustento, mantêm a propriedade, melhoram seus meios de produção e permanecendo no campo, um desejo apresentado por todos entrevistados desta pesquisa. A renda da terra torna-se fundamental para o modo de vida camponesa. Segundo Teodor Shanin 2005, o camponês.

Em primeiro lugar, tem-se dito que a economia dos camponeses se caracteriza por formas extensivas de ocupação autônoma (ou seja, trabalho familiar), pelo controle dos próprios meios de produção, economia de subsistência e qualificação ocupacional multidimensional (Shanin, 2005, p.3).

Devido o camponês tirar da terra sua subsistência antes de retirar seu excedente, possibilita a continuidade de sua forma de vida, pois as forças econômicas e estatais conseguem explorar apenas o excedente do camponês, não implicando em sua existência.

Os sistemas de intermediação e apadrinhamento, a tendência à “segmentação vertical” e ao facciosismo, o lugar do banditismo e da guerrilha, até mesmo a atmosfera típica da política e da rebelião camponesas podem ser, e de fato têm sido significativamente comparados, em sociedades distantes em milhares de milhas, tanto no espaço geográfico quanto social (Shanin, 2005, p.3).

As formas organizacionais dos povos camponeses, movimentos sociais do campo tem se demonstrado muito comum nas sociedades camponesas.

A preeminência da racionalização tradicional e conformista, o papel da tradição oral, “mapas cognitivos” específicos (por exemplo, uma percepção circular do tempo) podem ser usados como exemplos. Os padrões específicos de socialização e aprendizado ocupacional do camponês foram também descritos e relacionados. O mesmo se pode dizer das tendências ideológicas camponesas e dos padrões de cooperação, confrontação e liderança políticas (Shanin, 2005, p.3).

Os processos e as formas de se reproduzir, carrega característica de aceitação com o mundo natural, devido sua relação com o ciclo da natureza. A exemplo disso observa-se a aprendizagem sobre períodos de plantio, de colheita, castração animal, poda de determinadas plantas entre outras práticas.

Em quarto lugar, as unidades básicas e características de organização social e seu funcionamento têm mostrado considerável semelhança em todo o mundo. Particularmente, o grupo doméstico camponês, mas também a aldeia e a rede mais amplas de interação social, como um centro mercantil e o anel local mais baixo da autoridade estatal, são, de longe, facilmente reconhecíveis para os camponeses, estudiosos e líderes políticos (Shanin, 2005, p.3).

Há semelhança entre os grupos familiares camponeses em todo mundo, no que tange as relações desses grupos com parcela da sociedade, como pequenos comerciantes, comunidades urbanas, comunidades religiosas.

Em quinto lugar, pode-se isolar analiticamente uma dinâmica social específica da sociedade camponesa (é claro que, na realidade, a estatística e a dinâmica são indivisíveis). Particularmente a reprodução social, isto é, a produção das necessidades materiais, a reprodução dos atores humanos e do sistema de relações sociais mostram padrões específicos e genérico dos camponeses. Relevante, aqui, é o já referido aprendizado ocupacional dentro da família. O ritmo de vida da aldeia e do grupo doméstico camponês reflete, nitidamente, os principais ciclos “naturais”, ou seja, o ano agrícola (Shanin, 2005, p.4).

A reprodução social demonstra as especificidades e generalidades do camponês, e qual espaço os atores humanos assumem dentro da família que por sua vez assume um papel diante o território/terra/natureza.

Sem dúvida, as teorias de mudança estrutural têm sido corretamente expressas no quadro de referências, mais amplo que o campesinato, das sociedades nacionais ou dos sistemas internacionais. Ao mesmo tempo, a especificidade camponesa tem sido afirmada a partir da maneira como as comunidades camponesas reagem a esses processos gerais e como estes nela se refletem. Por exemplo, a comercialização tem resultado, em geral, inicialmente em um estágio de “agriculturação” do camponês, fazendo com que suas tarefas não-agrícolas anteriores sejam assumidas pela produção industrial em massa (enquanto os aldeões são, freqüentemente, jogados nas redes de exploração de empresas agrícolas capitalistas, de vários tipos). (Shanin, 2005, p. 4).

A partir dessa compreensão de campesinato, que tem se evidenciado cada vez mais desde a década de 1970, com o neoliberalismo, se percebe que a comunidade Sant’Ana, se reproduz dentro dos moldes camponeses, com as características de um grupo de camponeses contemporâneos e da região específica, que extraem da terra sua produção e sua reprodução social. Para os membros da comunidade Sant’Ana, através do opaco incentivo estatal e do mercado, a produção de café (foto 2), tem se tornado algo que os caracteriza como camponeses.

No final da década de 1990, a Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, deu início a pesquisas sobre a clonagem e melhoramento das mudas de café no estado de Rondônia, mas foi no ano de 2010 que se materializou de forma efetiva seus resultados, na pesquisa dos autores Espindula, et al, (2017, p. 10) “Observa-se que a renovação do parque cafeeiro ocorrida a partir de 2010, foi fundamentada no cultivo de clones híbridos altamente produtivos, e tolerantes às principais enfermidades do cafeeiro”, dados do IBGE confirmam, no ano de 2010 o município de Alto Alegre dos Parecis - RO, destinava 4.840 hectares para o cultivo de café, chegando a ter uma produção de 4.356 quilos. Em 2020 a área destinada à produção de café ampliou-se para 5.110 hectares e a produção ultrapassou os 22 mil quilos.

Foto 2 - Roça de café-clonal de um camponês da comunidade Sant'Ana-Alto Alegre dos Parecis



Fonte: SOUZA, J. L. P., 2023.

Portanto, após o ano de 2010 a comunidade Sant'Ana sofre uma considerável mudança nas suas características de produção. A cultura do café clonal ganha espaço nas propriedades e as demais culturas, consequentemente, perdem este espaço.

Segundo os dados do IBGE no ano de 2010 a produção de arroz chegou a 2.688 quilos e em 2022 foi de apenas 540 quilos em Alto Alegre dos Parecis - RO, o feijão foi outro que reduziu, em 2010 o município produziu 2.218 quilos já no ano de 2022 apenas 900 quilos, a produção de tomate também perdeu espaço nas propriedades rurais, reduzindo sua produção de 1620 quilos em 2010 para 350 quilos em 2022.

É importante ressaltar que esses dados são com base nos produtos comercializados de todo município, que existe uma produção que é para consumo ainda hoje desses produtos, mas que evidenciam uma drástica redução na venda dos excedentes dessas culturas, produzida pelos camponeses no município. Esses dados demonstram que existe uma política de desenvolvimento para o campo do município de Alto Alegre dos Parecis - RO, e essa política está atrelada a alta produtividade da monocultura de café.

Os dados divulgados pelo IBGE também revelam que entre os 100 maiores produtores de café do país, seis são municípios de Rondônia, sendo: Cacoal (22 mil toneladas), Alto Alegre dos Parecis (15 mil toneladas), Nova Brasilândia d'Oeste (15 mil toneladas), Alta Floresta do Oeste (14 mil toneladas), Buritis (10 mil toneladas), e Ministro Andreazza (9 mil toneladas) (G1, 2022).

Outro fato importante que revela as políticas de desenvolvimento do campo foi o fechamento da escola Teófilo Ottoni no ano de 2008, que graças a lei de nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, que ampliava o

ensino fundamental para 9 anos, tirando assim a escola da comunidade e levando sua demanda para uma escola polo.

Quanto a comunidade Sant'Ana, o que os dados coletados demonstram que em média 55% da área de produção, dos camponeses entrevistados, é destinada a produção de café-clonal, mas em alguns casos os camponeses têm áreas tomadas em arrendamento, e sua área de produção de café são superiores ao total da sua própria terra.

Destaca-se o caso do entrevistado D, a área total da sua propriedade é de 1,21 hectares, porém ele tomou em arrendamento mais 4,84 hectares, destinando 100% da área tomada em arrendamento para produção de café. Caso parecido é do entrevistado A, que tem uma propriedade medindo 4,84 hectares e tomou em arrendamento mais 1,21 hectares, e destina 100% da sua propriedade para o cultivo de café-clonal. Na tabela 2 destaca-se a utilização das terras na respectiva comunidade.

Tabela 2- Utilização das terras na comunidade Sant'Ana do município de Alto Alegre- RO

Formas de Utilização	Hectares	Número de propriedade
Lavouras permanentes	1-2 hectares	4
	3-4 hectares	4
	5-6 hectares	2
Lavouras temporárias	0-1 hectares	3
	1-2 hectares	5
	4-5 hectares	1
	6 hectares	1
Pastagens	0 hectares	6
	2-3	1
	3-4 hectares	2
	9 hectares	1
Área em descanso	0-1 hectares	10
Área reflorestada ou veg. nativa	0 hectares	8
	0,5-0,9 hectares	1
	3-4 hectares	1

Fonte: Trabalho de campo, 2023. Organizador: SOUZA, J. L. P, 2023.

Nesta tabela evidencia-se que por mais que exista um crescente incentivo para monocultura do café-clonal, no município de Alto Alegre dos Parecis, existe ainda uma resistência por parte dos camponeses de

destinarem toda sua terra para o cultivo dessa cultura, deixando parte da terra destinada para outras culturas, e em alguns casos cultivando outros produtos em consórcio com a lavoura de café-clonal.

O modo como esses camponeses dividem suas áreas de produção agrícola, demonstra que essa relação não tem como único objetivo a obtenção de lucro financeiro, a relação estabelecida por esses sujeitos é uma relação camponesa de produção e reprodução, Oliveira, 2007.

Por isso é mister a distinção entre a produção camponesa e a produção capitalista. Na produção capitalista, ocorre o movimento de circulação do capital expresso nas fórmulas: $D - M - D$ na sua versão simples, e $D - M - D'$ na sua versão ampliada. Já na produção camponesa, se está diante da seguinte fórmula $M - D - M$, ou seja, a forma simples de circulação das mercadorias, onde a conversão de mercadorias em dinheiro se faz com a finalidade de se poder obter os meios para adquirir outras mercadorias igualmente necessárias à satisfação de necessidades. É, pois, um movimento de vender para comprar (Oliveira, 2007, p.40).

A forma como os sujeitos se relaciona com a terra é de geração de excedente, para a transformar em renda, para transformar em mercadorias necessárias para vida da família. Entretanto a produção de café-clonal como produção de excedente é uma pequena parte dentre a pluricultura desses sujeitos, pois as maiores variedades produzidas nas propriedades visitadas são para o consumo, como a produção de frutas, leguminosas, hortaliças, feijão, arroz, porcos, galinha entre tantas outras produções, conforme fotos 4 e 5.

Foto 4 e 5 - Criação de aves e produção de milho e feijão para autoconsumo em consórcio com a lavoura de café



Fonte: Souza, J. L. P, 2023.

Essas práticas possibilitam que esses camponeses da comunidade Sant'Ana, mantenham-se no campo, pois graças a essas produções de alimentos para o consumo, ocorre uma drástica redução nos valores mensais destinado a compra de alimentos. Durante a coleta da pesquisa a entrevistada G, destacou “Não conseguimos produzir tanta diversidade de alimentos, pois a minha família dedica-se muito ao café, mas criamos

aves, porcos e plantamos verduras e as vezes o feijão para consumo ou vendemos o excedente” (Entrevistada G, 2023).

Com a valorização do café no mercado, os agricultores locais acabam dedicando a cultura da planta “[...] uma atividade que apresenta importante contribuição para a economia do estado de Rondônia. Essa atividade é mais intensiva nos municípios da Zona da Mata Rondoniense [...]” (Espindula, et al, 2017, p. 91).

Segundo os entrevistados E e H, existe ausência de acompanhamento técnico para as suas culturas, algumas vezes recebem assistência para o café-clonal, no entanto para outras atividades não recebem incentivos locais.

A ausência de apoio técnico gera desafios, pois os agricultores ficam sem acesso na assistência sobre manejo, controle de pragas, fertilização e outras práticas essenciais para otimizar a produção familiar. Além disso, a falta de incentivos para outras culturas revela a centralização de políticas públicas voltadas às práticas de monoculturas, negligenciando a importância da policultura. Essa condição demanda uma atenção por parte do poder público, em elaborar programas voltados as famílias camponesas, garantindo que os agricultores tenham acesso a um suporte técnico contínuo.

Destaca-se a importância das políticas públicas (Muller, 2012) para a agricultura familiar camponesa dos anos de 1980 e 1990 perderam forças aos longos dos anos. O PRONAF, por exemplo, não tem alcançado o impacto esperado. Criado em 1996 para fortalecer a agricultura familiar por meio de crédito, infraestrutura e capacitação, o programa enfrenta dificuldades estruturais, como burocracia excessiva, juros ainda elevados para os produtores familiares. Embora o programa tenha sido elaborado com o objetivo na redução de desigualdades no campo, o programa tornou-se insuficiente para transformar a realidade da agricultura familiar brasileira.

As práticas de cultura da comunidade são repassadas de geração em geração entre os camponeses familiares, os membros já detêm o conhecimento necessário para tais produção, possibilitando assim a continuidade do modo de vida camponês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O café-clonal se apresenta, a partir da segunda década do século XXI, como uma maneira mais segura de produção, para os camponeses da comunidade Sant’Ana no município de Alto Alegre dos Parecis - RO. O desenvolvimento da agricultura local, para as famílias com uma pequena fração de terras, assume a forma de uma lavoura de café-clonal, permitindo aos produtores alcançarem uma renda relativamente satisfatória. Porém esse desenvolvimento é individual com base na produção de matéria prima para exportação, gerando renda às famílias camponesas, mas não promovendo um desenvolvimento social, de maneira geral para a região.

Devido a compreensão de desenvolvimento, na comunidade Sant'Ana do município de Alto Alegre dos Parecis, estar estritamente vinculada a uma perspectiva financeira, não é desenvolvida políticas que permitam que esses camponeses possam executar uma produção de excedentes para além de uma lavoura de café-clonal ou até mesmo a industrialização dessa produção, salvo as raras as exceções individuais. Este desenvolvimento que está em curso na comunidade camponesa Sant'Ana, tem dialogado com as práticas de reprodução social da comunidade simplesmente pelo fato de ser uma produção agrícola, mas ao mesmo tempo restringe os camponeses de demais produções que não são igualmente reconhecidas no mercado local.

Um dos problemas que essa forma de reprodução, adotada pelos camponeses da comunidade Sant'Ana, pode enfrentar, e tem enfrentado, são problemas hídricos, porque a produção do café-clonal tem um consumo relativamente alto de água, buscando uma melhor produtividade das lavouras. Isso graças a um projeto de desenvolvimento que tem como fim a geração de riqueza financeira.

Ressalta-se que a dependência exclusiva do café-clonal torna a comunidade vulnerável a crises de mercado. A produção por meio de cooperativas ou associações facilitariam o acesso a créditos, insumos e mercados, tornado possível aliar com programas de compras governamentais (PAA, PNAE), podendo garantir melhorais na remuneração e fortalecimento das respectivas comunidades.

Destaca-se que no município de Alto Alegre dos Parecis -RO, possui diversas comunidades que carecem da participação do poder público municipal e estadual, os quais deveria elaborar políticas específicas para a agricultura familiar camponesa na região, aliando o crédito rural, extensão técnica e incentivos à produção diversificada, garantindo permanência e melhores condições para as famílias camponesa.

Cumprе destacar que a produção de café-clonal tem sido uma forma de resistência das famílias da comunidade, e por mais que essa produção esteja inserida em uma lógica de mercado, trata-se para esses sujeitos, de uma maneira encontrada para resistir na sua permanência no campo e no seu modo de vida e relação com a terra. Isso demonstra que os camponeses entram na lógica do mercado na produção do café-clonal, a fim de garantirem sua permanência no campo, podendo assim manterem sua relação camponesa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 1.243, de 30 de outubro de 1972. Eleva a dotação do Programa de Integração Nacional (PIN). Brasília, DF: **Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del1243.htm. Acesso em: 13 set. 2023.

COLFERAI, S. A. Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia. **Revista Labirinto**, Rondônia, v. 13, p. 102-119, 2010.

COSTA, Francisco de Assis; CARVALHO, Horácio Martins de. Campesinato. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 134-140.

ESPINDULA, M. C. et al. **Café em Rondônia**. In: PARTELLI, Fábio Luiz; GONTIJO, Ivoney (Org.). **Café conilon: gestão e manejo com sustentabilidade**. 1. ed. Alegre: CAUFES, 2017. v. 1, p. 83-102.

GOMES, Eliane Teodor. **A Colonização em Rondônia (1970-1980): estudos da atual configuração fundiária da área do PIC Ji-Paraná**. 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

MULLER, A.L.; SILVA, M.K.; SCHNEIDER, S. A construção de políticas para a agricultura familiar no Brasil: Programa de Aquisição de Alimentos. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura** (UFRJ). Rio de Janeiro, v. 20, p. 139, 2012.

NAUARA, Thaís. Rondônia Rural. **G1**, Porto Velho. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/rondoniarural/noticia/2022/09/15/sao-miguel-do-guapore-ro-foi-o-3o-maior-produtor-de-cafe-do-brasil-em-2021-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2023.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações - o velho e novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, n. 7, p. 1-21, 2005.

SILVA, Valter Israel da. **Classe camponesa: modo de ser, de viver e de produzir**. 1. ed. Porto Alegre: Instituto Cultural Padre Josimo, 2014.

SOUZA, Valdir Aparecido de. **Rondônia, uma memória em disputa**. 2011. 185 f. Tese (doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011.

Contato do autor e da autora:

autor: João Lucas Pena Souza
e-mail: joaolucaspena17@gmail.com

autora: Tatiane Rodrigues de Souza
e-mail: tati87souza@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 16/06/2025